

A PRÁTICA NA DIVERSIDADE CULTURAL

Carina Mallmann
Inês Caroline Reichert
Claudia Schemes

Introdução:

O assunto que tratarei neste artigo traz, no enfoque principal, a Educação. A educação que atualmente é tão discutida e tão importante. É ela capaz de globalizar as diferenças e incorporá-las em seu currículo, de maneira que se tornem uma complemento da outra, havendo a pluralidade. Esse conceito inovador, na verdade, carrega consigo o respeito às origens. Sim, como posso falar de pluralidade sem saber de minha naturalidade, minha descendência, minha cultura, minha família, meu passado?

Portanto, o tema estudado na escola, para que haja, então, a pluralidade, é a incorporação das datas histórico-festivas nos conteúdos curriculares do Ensino Fundamental - Séries Iniciais e Finais. Pois o aluno pode ter um conhecimento, uma visão de mundo mais ampla ou mais complexa, uma bagagem cultural bem extensa. Mas em que momentos ele poderá se expressar de modo que todos saibam disso, e vivenciem com ele e, perante os outros, ocorra essa troca de informações?

Porém, o professor também tem o seu plano de estudos, os conteúdos devem ser passados e há a cobrança. Qual a aceitação e como é feita a apropriação dessas atividades temáticas pelos alunos? O problema é esse! Há um descompasso entre o querer e o poder no ensino e na aprendizagem de ambos.

Se na escola há uma diversidade de culturas, faixas etárias, pensamentos, opiniões críticas, será possível o reconhecimento e o respeito de tais formas de expressão. Em tempos de Pluralidade Cultural e inclusão, numa sociedade tão heterogênea como a nossa e de uma bonita miscigenação, é de grande importância que, no ambiente escolar, seja percebida essa questão e trabalhada de uma maneira lúdica que faça a criança perceber as diferenças como um aspecto positivo de formação de um Município, Estado ou País, e não ser mais um motivo de discriminação.

A pesquisa foi feita num bairro onde há um alto índice de migrantes, na maior escola do município de Dois Irmãos. Além desse confronto de culturas e costumes, há no quadro escolar alunos com déficit de aprendizagem e atenção, com defasagem de idade-ano, filhos de famílias desestruturadas, de classe média baixa. Portanto, uma escola onde prevalecem as

diferenças, em que é preciso todo um planejamento para que esse aluno seja acolhido e amparado da melhor maneira possível. Um trabalho conjunto entre escola e família, em que o foco é a criança e o principal objetivo é a formação do indivíduo para a vida, respeitando os outros e mostrando-se com orgulho de ser quem ele é.

A observação para a composição desse artigo se deteve nos seguintes objetivos: analisar o Projeto Político Pedagógico da escola; relacionar os objetivos do PPP de acordo com os PCN e LDB; identificar as atividades propostas como isentas de exclusão; comparar as diferentes formas de expressão e de grande importância para a construção da identidade do aluno; reconhecer o papel da escola como uma ferramenta capaz de formar uma sociedade mais humana e inclusiva.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, o levantamento de dados da escola (Histórico da escola no Bairro e PPP) e a aplicação de questionários para pais e alunos.

Contextualizando a prática

Vivemos num ambiente escolar de constantes mudanças, que são reflexos do mundo externo competitivo, globalizado, excludente. Um mundo que preza muito o momento, o agora, na busca de um futuro cada vez mais moderno. Mas esquece-se que esse presente só está sendo possível através e graças a um passado. Ao passado em que se valorizava o esforço, o trabalho em conjunto na construção desta nossa História. É esse o desafio da escola: resgatar a individualidade de cada aluno de maneira a acrescentar, a somar e interagir com o presente de modo que se valorize toda a caminhada. Essa caminhada não se restringe apenas aos passos da criança, mas que ela venha com certa bagagem de casa a oferecer. Portanto, a família é de fundamental importância na busca de uma identidade ao aluno, proporcionando todo o suporte afetivo de que a criança necessita para se sentir à vontade para contribuir com o grupo e, então, haver aprendizagem.

Contudo, quando nos deparamos à realidade da sala de aula, percebemos quão difícil é a tarefa de aceitação de valores e atitudes se, em casa, o aluno não presencia isso nos pais. Então, num ambiente escolar, o professor de hoje não apenas educa, mas é ouvinte de conflitos e problemas entre pais e filhos e, portanto, é visto o que isso interfere na rotina, conteúdos e aprendizagem.

Segundo Arendt (apud FONSECA, 1972),

[...] é difícil para o educador (de hoje) arcar com esse aspecto da crise, pois é seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado (...). Entretanto, ele (educador) caminha em um mundo que não é estruturado pela autoridade, nem tampouco mantido coeso pela tradição (ARENDDT apud FONSECA, 1972, p. 244).

Autoridade. Essa palavra que o professor necessita pôr em prática, em sala de aula, para melhor domínio de turma e conteúdo. E fazer a criança perceber o quanto é importante ela estar ali, para contribuir com a escrita de mais uma página da História, independente de que raça, cor ou classe social seja ou esteja. Afinal, acompanhamos as mudanças do mundo externo, mas sempre de uma forma coerente, justa e igual para todos. Pensando assim, é possível ter um currículo escolar que abrange essas diferenças de uma maneira que se respeite o ser humano em si, com base na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996):

Art. 26 - Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (LDB, 9394/96).

Amparado com essa lei, o professor, no exercício de sua profissão, tem subsídios suficientes para fazer de sua aula um momento de diferentes descobertas, de muitos questionamentos em relação ao passado, ao presente, à História de cada um. Mas, ao mesmo tempo, oportunizar ao aluno o conhecimento através de um conteúdo, de uma nova e diferente realidade, fazendo com que esse mesmo aluno se identifique, compare e participe de forma interativa, buscando soluções ou mais indagações para certos problemas diários, vividos por todos. Essa percepção de valores e atitudes, já mencionada anteriormente, faz-se mais contundente ainda através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do ano de 1997, que, aqui, será expressa em diferentes objetivos:

Para o Ensino Fundamental, espera-se que os alunos sejam capazes de:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (PCN, 1997, p.7).

Para a História do Ensino Fundamental:

Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;

Questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação políticas institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;

Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia (PCN, 1997, p. 41).

Para a História do Segundo Ciclo:

Reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;

Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais (PCN, 1997, p.62).

Democracia. Essa palavra se fez presente na elaboração do Plano Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Paulo Arandt. Esse Projeto foi criado justamente da urgência e necessidade de se trabalhar com conteúdos alheios à realidade do bairro e dos alunos. Não somente aquela realidade oferecida e projetada nos livros didáticos, mas uma realidade mais transparente, talvez, menos suave e mais grosseira, mas é nessa que o aluno convive e sobrevive.

Sobrevivência. Em busca desse instinto é que muitas famílias que hoje fazem parte do bairro e da escola vieram para cá. Percebe-se que a História da Escola está ligada à História do Bairro São João, como vemos a seguir:

A escola Paulo Arandt localiza-se no bairro São João, no município de Dois Irmãos e no ano de 2006 completou 20 anos. Nesse período, cresceu e se fez história junto com o bairro, pois sua origem está associada a necessidade de melhores condições de vida dos primeiros moradores. Em função da intensa migração que começou na década de 80, Dois Irmãos recebeu muitas famílias vindas de diversas partes do Rio

Grande do Sul e de outros estados. Com o setor coureiro-calçadista indo muito bem e com as enormes dificuldades encontradas no setor agrícola, centenas de famílias se obrigaram a buscar emprego fora de suas cidades. O bairro São João cresceu rapidamente em pouco tempo. As famílias que aqui chegaram tiveram que lutar, recorrendo muitas vezes à justiça, para conseguir a escritura de seus terrenos. Os primeiros moradores do bairro passaram por muitas dificuldades, pois não havia infra-estrutura: rede de esgoto, água potável e ruas em condições (MONTEIRO, 2006, p.08).

Portanto, a construção da escola foi um desejo da comunidade e se fez possível realidade com a união e força de todos, indiferentemente de cor, credo ou classe social. Mas o passado ficou para trás, na lembrança orgulhosa de quem conseguiu alcançar seu objetivo que, na justa e fiel certeza, beneficiaria gerações. O presente se apresentou com mais mudanças, crescimento, progresso e problemas. Na escola, faltou espaço físico, tamanha era a vontade de expandir os conhecimentos. Já não bastava ficar entre os contornos do papel nomeados de planos de estudo, conteúdos curriculares. Esses eram muito restritos, ao alcance do olhar de educadores que enxergavam para além das salas de aula e dos muros da escola.

Para a realidade daquele bairro, a escola deveria ser referência não apenas entre quatro paredes, no conteúdo de livros didáticos, mas sim um porto seguro, um local de vivências e de troca de experiências. Algo que chamasse a atenção do aluno para o novo, para o inovador, que fosse mais interessante que as ruas nos finais de semana. Algo de atrativo, que desse mais leveza à imagem e fama do bairro, que, naquele momento, era discriminado pela parte mais tradicional da cidade, de origem alemã, visto que, como vimos, o bairro surgiu da migração. Diferentes mentalidades trouxeram a violência, o tráfico, o consumo de bebidas e drogas. Era preciso, mais uma vez, de mudanças, conforme levantamento de dados do PPP, na descrição da realidade local (marco situacional):

Nos dois últimos três anos (2001-04), tivemos, em média, 200 matrículas e transferências efetuadas, necessitando que a proposta político-pedagógica fosse construída de forma participativa, para que pudéssemos atender de forma mais efetiva às necessidades da comunidade. (...) Conforme pesquisa realizada em 2004, a renda média das famílias é de três a cinco salários mínimos; 70% tem casa própria; 80% vieram de outras cidades; 60% querem que os filhos cheguem à universidade; acesso restrito a programas culturais e hábitos de leitura, resumindo-se a programas de tv; contato precoce de jovens e adolescentes a drogas lícitas e ilícitas pelos fatores de desestruturação familiar, crise econômica, política e social do país; falta

de perspectivas, influência da mídia e falta de atrativos culturais e esportivos (PPP, 2004, p.11, 12, 13).

Portanto, no confronto de ideias entre educadores, através de questionários enviados aos pais, materializou-se a esperança de ver a livre expressão de culturas num só ambiente que, por si só, já interagisse com o meio não tão livre assim. Mas tudo foi uma construção, erros e acertos fazem parte, já que o intuito é o mesmo: o respeito às diferenças sem hierarquias. O PPP prega valores e atitudes, tais como: amor, compaixão, fraternidade, solidariedade, responsabilidade, honestidade, persistência, humildade, dinamismo. Segue a linha crítica, que, entre outros, cita-se de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém apenas pela palavra” (PPP, Marco Pedagógico, p.17).

Logo, a prática do exemplo é válida. Das ações contínuas, do exercício de valores e atitudes de respeito mútuo entre professores, alunos, família, direção, funcionários e pedagógico. A prática da cooperação, amizade, cidadania e comprometimento, consigo e com o próximo, faz repercutir para além da escola. Esse é o movimento: a comunidade buscando inspiração na escola. E isso, por consequência, se reflete na sala de aula. Tudo se faz com ética.

Saber trabalhar as diferenças culturais, em sala de aula, envolve aspectos que foram bem demarcados no PPP, para que toda a escola viva intensamente aquele momento e haja uma nítida participação de todos, sem exclusão. O diagnóstico, feito previamente, aponta que rumos devem ser tomados para que haja sucesso ao final do ano letivo e possa ser feita uma avaliação crítica das indicações do Projeto Político Pedagógico.

Entre as metas a serem alcançadas durante o desenvolvimento de atividades na sala de aula, ou fora dela, estão:

O desenvolvimento do senso crítico; a promoção do bem comum através do Projeto Escola Viva (escola aberta aos sábados para a comunidade, com diversas atividades esportivas e culturais), e momentos de rotina que marcam e se faz refletir sobre o dia da solidariedade, o dia da criança, o Kerb, a semana farroupilha, o dia da família; promoção pela participação da comunidade nos CPM, Conselho Escolar, Grupo de Mulheres Ativas. Uma escola voltada à realidade, que procura oferecer palestras, oficinas como Cidadania, Educação Ambiental, Informática, teatro e dança. Uma escola dialógica, que dá oportunidade do aluno se expressar, da conversa individualizada com os pais, do debate entre professores nas reuniões pedagógicas e nas formações continuadas.

Uma escola que também cobra responsabilidades do aluno, no cumprimento de regras de convivência, na participação e assiduidade em aula, na entrega de trabalhos, na avaliação. Claro que a construção do conhecimento deve valorizar a história do aluno, mas, como escola, devemos ter o importante papel de mostrar a ele outras realidades para que possam ser confrontadas, avaliadas e tiradas suas conclusões e proveito. É o que chamamos de abertura de novos horizontes. Como cita J. Gimeno Sacristan:

A visão multicultural vincula-se com a pretensão de uma educação para a democracia e a tolerância em um mundo que, pela influência dos meios de comunicação, tem, mais do que nunca, a consciência de ser plural; onde os indivíduos, por exigências da economia política, da ciência, da solidariedade e da manutenção da paz têm que se relacionar com povos de tradições culturais muito diferentes (SACRISTAN, 1999, p. 106).

Não podemos e não devemos ficar parados no tempo, estáticos e avessos a qualquer informação ou meio de comunicação que venha inovar o trabalho do professor. O acesso, em alta velocidade e definição, à realidade do mundo 'lá fora', vem para nos alertar que a globalização está aí, batendo à nossa porta, revirando conteúdos ultrapassados e que não acrescentam mais em nada aos saberes e vivências do aluno. A diversidade cultural trouxe à tona assuntos que são explanados na LDB, no PCN e, por fim, incorporados ao PPP. Trabalhar questões sobre a pluralidade cultural (índios, africanos e imigrantes) e temas transversais, em aula, fazem parte da nossa identidade, da nossa própria formação enquanto personagens atuantes na História. É uma questão de auto-valorização e autoestima, e de respeito à criação humana. Conforme nos esclarece o autor:

Tem havido uma certa assimilação dos imigrantes aos usos sociais e à economia, mas não se suprimiu a origem, que serve inclusive para a coesão e a manutenção da identidade diante da marginalização e da rejeição. Ao ter que escolarizar os descendentes de imigrantes, a escola se vê frente a atipicidade de contar com alunos de costumes, formas de pensar e valores que contrastam com a cultura que é reproduzida pelos currículos atuais dos sistemas educacionais. A pressão migratória se manterá enquanto existir uma forte divisão entre ricos, de um lado, e pobres que não podem viver em seus lugares de origem, de outro. Nessas condições sociais, o multiculturalismo será um desafio importante das políticas escolares e do currículo, um desafio que seria conveniente antecipar (SACRISTIAN, 1999, p.94).

Antecipar um tema tão enriquecedor quanto esse é quase que óbvio e automático, percebendo a grande quantidade de elementos que podemos trabalhar, vinculados a multiculturalismo. Elementos que valorizam a ação do aluno e sua interação com o meio no qual é acostumado a transitar e tem a liberdade de modificar. Buscar novas informações sobre o passado do aluno e de sua família, faz com que ele perceba a sua importância na construção de uma sociedade em que se valorizam justamente essas diferenças culturais e históricas e, além disso, encorajá-lo a ser um membro atuante na modificação dessa História que é, por vezes, discriminatória com essas minorias. Portanto, estamos tratando da Interdisciplinaridade, em que um conteúdo ou tema interliga-se com outro, não havendo quebras, pois em nossa história de vida também não há interrupções e todos seguem um destino pré-definido.

Ao contrário do que acontece nos conteúdos curriculares da área, observa-se um discurso de Interdisciplinaridade, mas percebe-se que quase nada é feito em prol desse conjunto de matérias e conteúdos. Vejo exatamente a metáfora de Paulo Freire sobre o conhecimento por gavetas... Então, voltamos a refletir sobre a questão do uso das tecnologias em aula, de maneira a oferecer informações diversas em tempo real. Como o aluno irá separar uma coisa da outra, se tudo acontece ao mesmo tempo? Que tipo de assimilação terá se ali há uma interrupção? Observemos o PCN no que dizem quanto aos objetivos gerais de História:

Os alunos deverão ser capazes de:

Situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos;

Reconhecer que o conhecimento histórico é parte de um conhecimento interdisciplinar;

Compreender que as histórias individuais são partes integrantes de Histórias coletivas (PCN, 1998, p.43).

Quanto aos objetivos do Terceiro Ciclo:

Conhecer as realidades históricas singulares, distinguindo diferentes modos de sobrevivência nelas existentes;

Caracterizar e distinguir relações sociais da cultura com a natureza em diferentes realidades históricas;

Caracterizar e distinguir relações sociais de trabalho em diferentes realidades históricas. (PCN, 1998, p. 05).

Então, pressupõe-se que os conteúdos curriculares do Ensino Fundamental, séries finais, deveriam ser, como no mundo atual, ‘globalizados’. Mas há uma certa resistência quanto a isso para os professores da área, pois precisam dar conta da lista de conteúdos do plano de estudos, precisam de resultados, avaliações, rendimentos... para prestar contas à, exatamente, esse mundo competitivo que está do lado de fora da escola. E o que se ouve dizer é que é preciso preparar o aluno para o mercado de trabalho. Não será mais necessário dar formação para a vida, enquanto que ainda podemos mudar algumas falhas? E deixar essa ‘coisa’ mecânica e técnica para o Ensino Médio? Por isso, há uma disparidade dos acontecimentos abertos e livres no pátio da escola, com o que se desenvolve dentro da sala de aula a portas fechadas. Como nos mostra Fonseca:

No espaço da sala de aula, é possível o professor de história fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não têm direito à história, unindo os fios do presente e do passado, num processo ativo de desalienação. Mas também pode, inconsciente ou deliberadamente, operar o contrário, apenas perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante (FONSECA, 2003, p.35).

Então, é preciso que se caminhe todos juntos numa mesma direção: professores do currículo e da área, equipe diretiva e pedagógica, demais funcionários, pais; para que o aluno perceba essa união e igualdade e componha, assim, a sua identidade, com transparência, que saiba lutar pelos seus direitos com respeito aos demais, na busca por seu lugar nesse mundo e na História, para sua realização profissional e pessoal, sendo um cidadão feliz na vida, sem marcas e arrependimentos.

Repensando a prática

Mas palavras são bonitas e o papel aceita tudo. O difícil é se desvencilhar do comodismo, desapegar-se dos livros didáticos, que às vezes te vendem verdades muito egocêntricas, e partir para a pesquisa, para a busca de novas informações e conceitos. Novas maneiras de dar aula e oferecer mais mobilidade ao aluno, que precisa trabalhar a sua autoconfiança e autoestima. Precisa dessa autoafirmação, de ser o que ele é, valorizando-se e respeitando os outros.

Essa liberdade, sem exageros nem excessos, senão vira bagunça e hierarquia; essa justamente liberdade bonita, não pude presenciar na aula de História do 6º ano. Um turbilhão de culturas, de tradições, costumes, crenças, paixões, logo ali, acontecendo, no pátio. Atitudes ousadas, um gauchismo com modinha, mas personalizado: a marca do bairro. A herança de uma geração agregada à evolução de outra, ora contestadora, ora decidida.

E o professor ali, entre quatro paredes, estudando um conteúdo que não condizia com a realidade daquele momento. Algo tão mecânico e entediado, que me entristeci e me surpreendi. Para aqueles alunos não houve contribuição alguma. Surpresa com a mecanicidade fiquei ao deparar-me com o conselho de classe. A vez que vi as disciplinas se envolverem para montar parecer de aluno, foi nesse cansativo momento. Mas a aceitação das diferenças durou pouco e voltamos a praticar a mesma injustiça de antigamente. O aluno é mais um número quando se diz a relação de notas que ele tirou. Não está se levando em conta de que ele tem diferentes habilidades e percepções. Ele poderá progredir em algumas disciplinas com mais facilidade que outras, mas não quer dizer que nessas em que ele foi mal ficará estagnado. Quando se oferece subsídios para que ele aprenda e participe, mais ele vai desenvolvê-las. O conteúdo não é estanque, ele é flexível. Assim como as matérias poderiam ser globalizadas para haver melhor entendimento e aprendizagem.

No entanto, sabemos que existem alunos que não se esforçam, não se interessam, não veem motivo para tal conteúdo, até para vir à aula. Mesmo que sejam oferecidas diferentes alternativas para que ele se insira e acompanhe, há algo mais forte e que não permite a aproximação dele à realidade da sala, ao convívio com a turma, ao acompanhamento da matéria. Daí se descobre a herança familiar, que não se compromete, não apoia, não vê sentido nas possibilidades de superação e satisfação do aluno em frequentar a escola. É visto e é sabido que a família também não comparece nas dependências escolares. Portanto, já se sabe pelo exemplo da importância dada aos estudos. A realidade nos mostra uma inversão de valores, pois a escola é muito paternalista e dos pais não sabemos nem o paradeiro... Infelizmente, permitimos que isso acontecesse, ajudados por leis que oferecem regalias, de pais que não precisam nem comprar material escolar para o seu filho, pois a escola tem e deve oferecer.

Por isso, devemos devolver estes valores, que não existem mais e que foram esquecidos de serem ensinados no aconchego do lar. Valores como respeito, cidadania, inclusão, amizade, comprometimento, responsabilidade. Aliados a essas diferenças históricas

e culturais está o conteúdo do currículo. Como se tem facilidade em trabalhar globalizando matérias para que haja maior facilidade de aprendizagem. Há um maior entrosamento entre as realidades do aluno, professor, ambiente escolar, que resulta na diversidade. É esse respeito às diferenças que a professora do 5º ano trabalhou. Corrigindo, mas incentivando na busca pelo acerto. Acertada foi a decisão de se inserir à realidade do aluno, o momento que estava sendo vivenciado, não deixando de participar dos eventos paralelos no pátio da escola.

Também não deixei de participar, mas algo me angustiava ao me deparar com a adesão, quase que total na semana farroupilha, e o descaso com a semana do kerb. Por isso, pesquisei com os alunos de 4º ano e pais sobre a naturalidade, a descendência de cada um. E qual não foi a minha surpresa: nenhum pai era natural de Dois Irmãos. Todos vieram de diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Então trabalhamos primeiro a cidade natal de cada pai, pesquisando dados na Internet, conhecendo mais cidades gaúchas. Após, fizemos uma relação das causas e anos da imigração, quando constatamos que o principal motivo é pela busca de melhor emprego. Partindo desse item, o resto melhora também. E, por fim, relacionamos as causas da vinda dos pais para Dois Irmãos com a dos imigrantes alemães.

Os alunos concluíram que foram praticamente as mesmas, pela busca de uma vida melhor e, até por isso, como foi importante essa mistura de culturas para o desenvolvimento do município. Agora, tenho certeza de os alunos vão interagir mais com o Kerb, pois descobriram o real significado dessa data tão importante para a História de Dois Irmãos, e perceberam que seus pais são verdadeiros heróis na batalha por mais conforto e vida digna. Assim, é dever do professor buscar ferramentas para que o aluno se identifique, relacione, compare e entenda o que acontece à sua volta, sem estar alheio a nada. Não se está aqui fazendo um julgamento de qual data é a mais importante, o que se quer é a intenção de poder valorizar as duas e respeitá-las, inserindo-as no contexto do momento e deixando claro a intenção e a intensidade com que eram festejadas naquela época e atualmente. Intensidade também há, aos sábados, na Escola Viva, onde se encontram várias culturas, sem haver atrito ou discriminação entre elas. O ambiente escolar tem a oportunidade de protagonizar esses momentos tão ricos. É palco para a paz, algo que não se conseguiria tão facilmente nas ruas, onde a marginalização e a erotização é grande. Fandango, hip-hop, teatro, dança, poesia, capoeira, jogos, brincadeiras, ou um simples bate-papo. Oficinas para as mulheres, paisagem da pastoral da criança... Quantos valores, atitudes, diversidade cultural!

Considerações finais:

Portanto, é possível oferecer na escola momentos de diferentes manifestações culturais, interligando-os ao conteúdo, havendo uma melhor assimilação do que está sendo trabalhado, ou seja, do passado ao presente. Faz-se necessário, pois o aluno busca uma identidade e ele só será bem aceito quando formar a sua e se impor.

Há muitas mudanças ocorrendo no mundo externo, e devemos estar atentos a isso, para que não sejamos alienados ao livro, ao quadro. Estamos vivendo na era digital, temos leis que nos amparam e nos dão um norte. Lembrando que o conteúdo é flexível, adequaremos às nossas necessidades.

Infelizmente, a área ainda tem as amarras que impedem de fazer um trabalho de qualidade, ao invés da quantidade. Mas a caminhada é longa, é incessante, e devemos ter esperança de que dias de melhor educação virão. Uma educação inclusiva em todos os aspectos e sentidos. O currículo ainda nos permite essa liberdade, essa recompensa de poder se trabalhar ainda na inocência da criança, moldando nela sentimentos formadores de um caráter mais crítico e justo nas diferenças.

Muita coisa mudou para melhor na escola, mas somos persistentes e vamos em busca de algo mais, vamos voar mais alto, na busca pela igualdade, pela parceria que foi perdida dos pais, no crescimento intelectual do aluno para sua satisfação pessoal e, em segundo plano, profissional. Devemos educar para a vida, para que ele saiba fazer as suas escolhas e escolher um mundo cada vez melhor para viver, com a sua contribuição. O aluno deve fazer a diferença.

Referências:

ARANDT, Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Paulo. *Projeto Político*

Pedagógico. Dois Irmãos: 2006/07.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. Campinas: Papyrus, 2003.

LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO NACIONAL, *LDB 9394/1996*. Artigo 26. Brasília: 1996.

MONTEIRO, Org.: Prof. Márcio L. Pavanello. *Projeto História e Memória: Seu Registro pela Palavra*. E. M. E. F. Prof. Paulo Arandt, Dois Irmãos: 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, *História e Geografia do 1º e 2º Ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, *História do 3º e 4º Ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomáz Tadeu da et al. *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas culturais*. São Paulo: Vozes, 1999.